

O CORPO/ FALA SUBALTERNA DO FEMININO NEGRO NA OBRA *NIKETCHE: LOCUS DA DOMINAÇÃO MASCULINA*

Maiane Pires Tigre¹

*Mulher é terra, sem semear, sem regar, nada produz.
(Provérbio zambeziano).*

RESUMO: Este texto deriva de uma pesquisa bibliográfica às seguintes obras teóricas: *Literatura e Sociedade*, de Antonio Cândido (2006), *O Atlântico Negro*, Paul Gilroy (2001), *Dominação Masculina* de Pierre Bourdieu (2002), *Pode o Subalterno Falar?* de Spivak (2010) e objetiva, a partir da releitura crítica da obra literária, *Niketche: uma história de Poligamia* (2004) de Paulina Chiziane investigar a plasticidade da dominação intergênero e seu processo de violência simbólica e corporal empreendido sobre a mulher negra, através da autoridade e virilidade masculinas na sociedade moçambicana. Tal empreendimento acaba por revelar a personagem Rami, em transgressão às normas comportamentais esperadas pelo grupo comunitário de origem; levando-a a sair da invisibilidade, ao assumir no interior da obra e fora o direito do lugar de fala, como *sujeito da enunciação*.

Palavras-chave: Subalternidade. Feminino. Dominação Masculina.

THE BODY/SPEECH OF BLACK FEMALE IN THE WORK OF SUBORDINATE *NIKETCHE: LOCUS OF MALE DOMINATION*

ABSTRACT: The present text stems from a literature search to the following theoretical works: *Literature and society* by Antonio Candido (2006), the *black Atlantic*, Paul Gilroy (2001), *Male Domination* of Pierre Bourdieu (2002), *Can the Subaltern Speak?* of Spivak (2010) and objective, from the literary, critical re-reading *Niketche: a history of Polygamy* (2004) to Paulina Chiziane investigating plasticity of intergênero domination and its process of symbolic violence and body undertaken on the black woman, through the authority and male virility of Mozambican society. Such a venture will eventually reveal the character Rami, in transgression behavioral standards expected by the community group of origin; taking her out of invisibility, to assume within the work and outside the law of the place, as the subject of enunciation.

Keywords: Subalternity. Female. Male Domination.

¹ Mestranda em Letras Linguagens e Representações / UESC. BA, Brasil. maiane.tigre@hotmail.com

1.O ser mulher e as amarras simbólicas:

Macho e fêmea, branco e preto, realidades combativas, divididas pelo sexo e cor da pele. Na assimetria dos gêneros, a cosmovisão do negro ou branco desfaz de longe o mito de igualdade entre homens e mulheres, graças à noção de “sociedade organizada de cima para baixo”, seguindo o princípio androcêntrico, teorizado por Virgínia Woolf, em que homens estão por cima e mulheres por baixo, ilustrando a hierarquia social e a anatomia dos sexos.

A presente comunicação *O Corpo / Fala subalterna do feminino negro na obra Niketche: locus da dominação masculina* faz ressoar uma das vozes negras mais importantes da atualidade, Paulinha Chiziane (2004), primeira escritora de prosa moçambicana, autora da obra *Niketche: uma história de Poligamia*. Através desta obra, propõe-se denunciar a presença de uma mulher negra “escrava”, presa às tradições culturais de Moçambique e explorada legitimamente, sob o corolário de um homem-senhor.

Adiante, analisaremos os recursos adotados pela escrita feminina subalterna e a sua inteira capacidade de representar-se a si mesma, vinculando os episódios da dominação a experiências escriturais do seu eu, corpo e da sua fala. Notadamente, ao se focar o literário como fatura estética, em que o *externo* se tona *interno*, isto é, o *contexto* sócio-econômico-cultural torna-se *texto* (CANDIDO, 2006), o sujeito feminino enunciador, na representação reivindicada pelo subalterno, faz ecoar as assimetrias vividas pela mulher, da sociedade falocêntrica moçambicana relatada.

Entre outros teóricos, utilizaremos Pierre Bourdieu (2002), da obra *A Dominação Masculina*, quando trabalha com as noções de sistema jurídico, social, político organizado, segundo a lógica do macho, expondo o princípio da visão dominante, incorporada ao *habitus* pelas mulheres e convertido em paradigma pelas estruturas sociais, que conferem ao homem o poder para exercer a dominação.

Sempre vi na dominação masculina, e no modo como é imposta e vivenciada, o exemplo por excelência desta submissão paradoxal, resultante daquilo que eu chamo de violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente do desconhecimento, do reconhecimento, ou em última instância, do sentimento. (BOURDIEU, 2002, p. 04)

Bourdieu (2002) justifica que o corpo feminino é o *locus* privilegiado da dominação masculina, porque direcionado para o outro, corpo, enquanto bem e posse do masculino,

capital simbólico, mercadoria para troca, com o fito de ser utilizado pelo homem, para os mais diversos fins mercantis ou não.

“Tudo na gênese do *habitus* feminino e nas condições sociais de sua realização, concorre para fazer da experiência feminina do corpo o limite da experiência universal do corpo-para-o-outro, incessantemente exposto à objetivação operada pelo olhar e pelo discurso dos outros.” (BOURDIEU, 2002, p.39)

Ser mulher na literatura é ser dada a “frivolidades, superstições”, sublinha Simone de Beauvoir, ser sob o véu do enigma, com impulsos sexuais sublimados, para psicanalistas como Jung e Freud, ser reprodutor, compreendida através da metáfora:

À mulher para que realize sua feminilidade, pede-se que se faça objeto e presa, isto é que renuncie a suas reivindicações de sujeito soberano [...] A ideia de feminilidade impõe-se de fora a toda mulher, precisamente porque se define artificialmente pelos costumes e pelas modas[...] a mulher que não se conforma com isso desvaloriza-se socialmente, porquanto a sociedade integrou os valores sexuais. (BEAUVOIR, 2009, p.882)

Ser mulher negra é compartilhar de todos estes epítetos, acrescentando-lhe outros, que possam expor as desigualdades vivenciadas pelo feminino na relação intergêneros, de mesma etnia, fazendo emergir a condição específica da negritude feminina. De modo particular, a perspectiva de gênero, no interior da sociedade moçambicana, expõe o conjunto de assimetrias categóricas na assimilação de papéis desempenhados por homens e mulheres negros.

Paulinha Chiziane (2004), primeira escritora moçambicana consagrada no território africano e no Brasil, discute com maestria a subserviência do feminino em face da dominação masculina, na obra *Niketche: uma história de poligamia*, fenômeno geograficamente problematizado a partir da capital de Maputo, em Moçambique.

Rami, personagem protagonista e narradora, se expressa com feminilidade austera, não menos romanesca, como sugere o título *Niketche: dança do amor*, engolida por uma trajetória inócua, plena de solidão, na espera do amor, deveras nunca correspondido. Por outro lado, empodera-se, através da voz enunciativa rouca e grave, insurgindo-se, assim, contra sua existência comprimida, fragmentada, espoliada em um reino propício somente aos homens.

Rami não é Rainha, é antes de tudo escrava, como as outras, com contrato de compra e venda, negociada com documento de escravidão, casada “de papel passado”, lobolada, isto é, vendida por um dote concedido à família da noiva por sua perda. Sua narrativa insubmissa dá conta de que compartilha um homem com muitas outras mulheres negras, circunstância que acentua, amiúde, a sua condição de escrava, à luz não apenas da sociedade moçambicana, mas de si mesma.

Rami se encontra, entre aquelas mulheres, que foram “preservadas” por um estatuto mítico, que atribui ao macho dominante a prerrogativa da poligamia; na medida em que esse pode garantir o sustento de várias famílias, cujas mulheres foram loboladas. Tal condição impõe à mulher uma vassalagem, em relação ao homem, ficando incumbida de se dedicar servilmente, cuidando do corpo, alma e mente deste suserano, em um modelo de produção maniqueísta, que fabrica mulheres escravas, cujo destino precípua é ferir-se nos rojões da humilhação, domesticação, poligamia, lançadas no chão, em um festim orgástico.

À mulher negra moçambicana, cabe servir ao homem satisfatoriamente na cama e na cozinha, saciando todos os seus apetites. A sujeição de Rami, relatada no capítulo 15: “Devem servir o vosso marido de joelhos, como a lei manda. Nunca servi-lo na panela, mas sempre em pratos. Ele não pode tocar na loiça nem entrar na cozinha” (CHIZIANE, 2004, p.126), ganha a dimensão do inumano, quando chega ao ponto de oferecer de joelhos ao marido Tony a coxa, o peito e a moela de uma galinha, lhe restando somente os ossos para alimentar-se.

Rami, a esposa de Tony, é o modelo de mulher escrava, de objeto erótico à mãe; de sorte que o estereótipo de mulher trabalhadora e incansável é antiquíssimo, avolumando ainda mais os estigmas da mulher negra em qualquer parte do mundo e não somente no continente africano. Assim, a vida de Rami se entrecruza com a de tantas outras de seu gênero e etnia.

Em *O atlântico negro: modernidade e dupla consciência* (2001), Paul Gilroy pontua incisivamente sobre a propalada e longínqua liberdade feminina das mulheres negras. Para o pesquisador, a essas foi negada a instrução, sendo-lhes imposta somente a maternidade, ao passo que a erudição seria “domínio exclusivo de urna cidadania masculina esclarecida” (GILROY, 2001, p. 77).

Em outra passagem da obra do mesmo autor, aparece a reflexão sobre a inviolabilidade da raça, que confere ao homem negro o múnus de guardião e representante da nação, traçando um paralelo entre o poder da pátria e o poder do “supremo patriarca”, o

cabeça da organização familiar. Ainda, segundo Paul Gilroy, a integridade da raça, diz respeito, antes de tudo, à integridade de seus “chefes masculinos [no domínio] de [seus] domicílios.” (GILROY, 2001, p. 76). Tais comportamentos do homem negro reduplicam o dualismo hierárquico colonial imposto ao continente africano pelos europeus, ainda que esse se encontre na dimensão de colonizado, em posição de subalternidade em relação ao homem branco.

Esta investigação nos permitirá vislumbrar aspectos relevantes da correlação entre subalternidade e feminino negro, ao trazer a discussão para a dimensão do *socius* empreendedor do simbólico no uso da astúcia em favor do poder e do domínio.

2. A escrita feminina negra de “Chiziane”:

Escreve o teu eu. O teu corpo tem de ser ouvido (...).
Escrever. Um ato que não só materializa a relação isenta de censura da mulher com a sua
sexualidade,
consigo mesma (...). Inscreve a respiração da mulher
completa (...).

Hélène Cixous

Chiziane (2004) empresta a voz, a vez e a pena à Ramí, personagem negra, que, singrando pela literatura, desnuda as narrativas femininas objetadas em prol do patriarcalismo masculino na sociedade africana. Historicamente, representada na literatura e na vida social por homens negros, a voz subalterna feminina entra em cena e assume o seu lugar de fala. Acerca da abordagem da subalternidade feminina no contexto discursivo, a filósofa indiana Gayatri Chakravorty Spivak, em *Pode o subalterno falar?* coloca em evidência a dupla subalternidade enfrentada pela mulher negra, ao afirmar:

Se o discurso do subalterno é obliterado, a mulher subalterna encontra-se em uma posição ainda mais periférica pelos problemas subjacentes às questões de gênero...pois segundo ela: se no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade (SPIVAK, 2010, p. 82).

Compreendidas à luz de uma ideologia machista, vistas por um único lado da história, dissecadas em suas partes mais baixas, essas mulheres foram esboçadas sob o olhar do

homem negro, em apenas uma faceta da realidade, camuflando a autêntica narrativa de vidas femininas presas às percepções coletivas grupais. Entretanto, triunfantes, as vozes femininas negras de Moçambique, outrora silenciadas e amordaçadas, ressoam libertadas, para falarem e escreverem.

A obra *Niketche: uma história de poligamia* apresenta a perspectiva social do feminino em sua experiência de marginalidade, sem disfarces, sem censuras. A voz feminina entoou o seu cântico plural, sofrível, sua consciência insubordinada à vontade do observador e constrói um eu sem submissões, sem algemas, destituído da voz do outro. A mulher negra é quem agora fala *per se mesma*.

Ganho coragem e tento tocar na ferida. Sinto uma pedra obstruindo os sons da minha garganta[...] Faço um esforço e digo:

__ Bem, nós...

Gaguejo. Meu Deus sinto que vou perder a fala[...] Apetece-me um cadeado maconde para trancar a boca por uma temporada. As mulheres macondes preparam a boca para forçar o silêncio[...] Ai mas como me apetece sentir o silêncio da minha fala. Esforço-me sou a primeira esposa, sou a principal, tenho que exercer o meu direito à palavra e dar o exemplo. (CHIZIANE, 2004, p 319).

A escrita feminina alude ao conceito de *écriture féminine*, termo nominado pela crítica feminista nos anos 1970, obedecendo a particularidades e marcas autênticas, em oposição ao discurso masculino. A escritura feminina alternativa propõe-se ser a experiência da mulher no mundo e, desta sorte, cunha a tradição literária homológica e patriarcal, em uma escrita - corpo, que “sente e é sentido; um corpo que toca e é tocado; um corpo que vê e é visto: inflexo, “o livro (tal como a frase) tem de ser adaptado ao corpo” (ALBUQUERQUE, 1996, p. 145).

Ao se reler o contexto sócio-econômico-cultural de Moçambique, por intermédio de Chiziane (2004), o perfil da mulher negra local se exterioriza, através da obra literária, entrelaçando vida social e obra de arte, trazendo à tona vislumbres comportamentais de uma mulher cativa, obediente, dócil, socialmente, subjugada, oprimida, sexualmente recalcada, amorosamente negligenciada. Na narrativa em apreço, o ciclo menstrual feminino é visto simbolicamente, como resultado punitivo à insubmissão da mulher ao homem.

[...]É por isso que as mulheres do mundo inteiro, uma vez por mês, apodrecem o corpo em chagas e ficam impuras, choram lágrimas de sangue, castigadas pela insubmissão de Vuyazi. (CHIZIANE, 2004 p.157).

Destarte, a obra é capaz de criar um público, modelar comportamentos e influenciar consciências, favorecendo a identificação de um grupo específico, harmonizado as condições de existência dos seus membros evocados no enredo narrativo; sendo a obra ora é o liame entre autor e público, ora o fio condutor, que conecta autor à obra (CÂNDIDO, 2006).

Enfatizando a questão da subalternidade, Spivak, em obra já aqui citada, discute a dificuldade para o agenciamento feminino negro; uma vez que, ao ingressarmos no itinerário do sujeito subalterno, particularmente, explorando a questão da diferença dos sexos, surge uma mulher duplamente obliterada, dentro de uma visão pós-colonial e imperialista. Uma vez desvinculada da dominação colonial, subjaz a dominação masculina (SPIVAK, 2002). Então, Chiziane transgride, por ser mulher, ainda mais sendo negra e escritora! Seu agenciamento escritural faz com que viceje a opção pelo marginal; por isso, desrespeita o bom gosto estético de uma escrita objetiva, extravasando todo o subjetivismo, que transborda em suas veias, na configuração de suas personagens negras, pobres e subalternas.

Mulher e homens estão imbricados na relação de dominação masculina, sob formatos rigidamente ditados pela ordem do macho. E o sujeito masculino emerge amparado na cosmovisão preponderante do *falocentrismo*, gestado, discursivamente, em favor da divisão entre os sexos, “segundo uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina” (BOURDIEU, 2002, p. 09). A dominação do homem sobre a mulher constitui o alicerce sobre o qual se ergue toda forma de atribuições de papéis em várias sociedades. A mulher deve transitar, no espaço doméstico: quarto, cozinha e estábulo, regida pelo ciclo de sua fertilidade: puberdade, gestação e amamentação, o homem, entretanto, domina o espaço interno: salão, sala e área de lazer e o externo também, do ciclo da agricultura, dos negócios, etc.

O uso da biologia, como justificativa para o domínio de um gênero sobre o outro, é substancial para compreender a diferença social entre os sexos. Os corpos masculinos e femininos desencadeiam formulações sociais a que estão sujeitos, moldados por arquétipos universais, se encontram plenamente definidos por uma rede de determinação, sobretudo sexual, ou de indeterminação subjetivada, constante nas relações de dominação.

A representação do feminino e masculino, à luz da sociologia, comumente se estabelece em uma relação de dominação. Longe de ser simétrica, esta representatividade apresenta, fundamentalmente, a lógica de um macho dominador, em quaisquer que sejam as práticas e

situações vividas, exemplificando, o ato da conquista, que atinge o ápice da dominação na experiência do ato sexual, exemplo de “apropriação” do objeto e do exercício da “posse” de um bem. O poder da dominação é o fetiche do homem, o sabor da virilidade, o prazer de propiciar um orgasmo à mulher é prova de que exerce amplo e irrestrito domínio sobre ela. Em outras palavras, nisto reside a justificativa pela qual os anseios femininos e masculinos estão separados por um abismo, em se tratando de sexualidade, as frustrações e amores falidos, surgem como consequências da ausência de correspondência amorosa de que as mulheres sabem falar tão bem.

Se a dominação exterioriza-se no ato sexual, como não se manifestaria nas relações sociais? O resultado desta sentença é igual à relação de dominação! Assentada no princípio basilar da divisão entre o masculino, ativo, forte, viril e o feminino, passivo, frágil, subjetivo, os opostos inserem-se ordem social em um campo de desejo e atração, em uma espécie de *habitus* distinto a que estas categorias de pessoas estão destinadas. E, na arena das relações sociais, existe um princípio ético, que inscreve a identidade masculina e feminina em seus respectivos antagonismos, na postura, na maneira de servir, posicionar-se, o perfilar de um e de outro, o abaixar os olhos, não interromper quando um homem está falando, maneiras “prenhes de uma ética, de uma política e de uma cosmologia” (BOURDIEU, 2002, p. 19).

O corpo na experiência feminina enuncia a possibilidade do corpo-para-o-outro, do fascínio, da sedução, da imagem veiculada como representação subjetiva de que tipo de sensações e reações suscita no outro. Nesse sentido, a mulher torna-se o objeto simbólico, convertendo-se em um ser- percebido, que *existe para ser observada*, em favor do olhar do outro.

À primeira vista, subsiste a ética do dominante em detrimento da ética do dominado. A consciência da mulher subordina-se ao dominante, transformando-se em uma consciência dominada, porque não falar em corpo e fala dominada? Avançando na discussão, a dominação masculina consuma-se nos corpos das mulheres por intermédio da força simbólica e se trata de “uma forma de poder que se exerce sobre os corpos sem qualquer coação física” (BOURDIEU, 2002, p.25).

Constata-se o mesmo de que fala Bourdieu, na sociedade Cabila, evocada na obra *Niketche: uma história de Poligamia* (2004) de Paulina Chiziane. Aí, o corpo feminino é um objeto que pode ser intercambiado, circulado, avaliado no mundo dos homens tal qual uma moeda de ínfimo valor. Torna-se evidente que, Rami, em maior ou menor grau, ao lado de todas as personagens femininas da narrativa, é o resultado do exercício do poder simbólico

incidido sobre o dominado. Vistos meramente objetos mercantis, corpos e falas consentem com o poder hipnótico da dominação, a não ser que decidam romper com a usurpação de seus corpos e falas ameaçando a pretensa virilidade masculina. A grosso modo, percebido como capital social, o corpo da mulher, destituída do poder, supõe um lucro de natureza simbólica.

Michelle Perrot (1991) discute que a ausência de poder levou as mulheres, no seio da dominação, à conquista de poderes e a se assumirem como sujeitos de suas histórias, isto é, da história das mulheres. E é o que ocorre com a personagem Rami, que, ao viver uma história de dominação, burla a dependência simbólica, libertando-se do ideal do dominante. Escrava no corpo, na fala e na escrita, a mulher negra transcende na narrativa de Chiziane (2004) na tríade: autora, esposa e amante negra. Como elucida o título da obra, Rami a dança Niketche, dança do amor, na redenção do feminino negro. Nas palavras da personagem, neste ato, metamorfoseia-se, em cisne negro, em alusão ao balé *Lago dos cisnes* do russo Tchaikovsky, em que uma princesa é transformada em cisne pela maldição de um malvado feiticeiro:

Danço sobre a vida e a morte. Danço sobre a tristeza e a solidão. Piso para o fundo da terra todos os males que me torturam. A dança liberta a mente das preocupações do momento. A dança é uma prece. Na dança celebro a vida enquanto aguardo a morte. Por que é que não danças? (CHIZIANE,2004, p.16).

No compasso da dança Niketche, Rami alça o voo de cisne negro, rompendo com o direito de posse a que estava submetida, entregando o corpo no auge da dor para outro homem. Grávida do amante, irmão de Tony, Rami emancipa-se das convenções sociais vigentes, quebra paradigmas, envolve-se em conflitos, nega a subserviência do feminino no mundo do trabalho, no sexo, no amor, na relação com o homem. Tais eventos libertam a voz abafada de Rami e deflagram a epifania da personagem mulher negra que auscultando a voz interior do seu eu, opta, depois de mais de toda uma vida de dominação masculina, por salvar a si mesma.

A dominação, a grosso modo, constrói o edifício sobre a estrutura da violência simbólica, uma tipologia assaz abrandada na execução dos meios, em contrapartida “insensível, invisível a suas próprias vítimas” (BOURDIEU, 2002, p.04). É mister compreender a lógica da dominação, obediente a prerrogativas de ordem simbólica, a saber, a cor da pele, categoria arbitrária e naturalmente reconhecida.

Acerca disto, Virgínia Woolf (1977) discorre sobre “o poder hipnótico da dominação”, abordagem etnográfica que explora a sociedade como um habitat político, delimitado privativamente, dadas às características de gênero e a dominação, para ela, exerce um fascínio

para os dominantes. Por outro lado, estão envolvidos, em um quê de glamour, sofisticação, misticismo.

Como bem lembra Rami, metaforicamente, Tony é comparado a astro e as mulheres, a vassalas, a satélites em torno dele. Esta situação replica-se até o momento, em que Rami se cinge de coragem destemida e se insurge contra aquele *habitus* castrador do seu eu feminino. Ao abandonar o marido Tony, a personagem se evade, da aparente invisibilidade, para a agência, ao se metamorfosear no cisne negro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Miticamente marcada como frágil, apolítica, inculta, emotiva, a mulher sofreu e sofre a influência de uma espécie de manto discursivo, cuja gênese é indeterminada, calcado em um mito fundador, que, metaforicamente, delineou o pensamento do que seria o feminino, perpetuado em grande parte pela história.

Defendeu-se aqui que a dominação, de um modo geral, prende-se a convenções estabelecidas e discursivamente amparadas por um *socius*, que trabalha, simbolicamente, por sua manutenção. Instaura-se, neste processo, uma dissimetria fundamental entre o sujeito masculino e o objeto, o feminino, que se mantém, ainda na atualidade, quando circunscreve a mulher negra aos espaços da subalternidade.

Portanto, obra *Niketche: uma história de Poligamia* (2004) de Paulina Chiziane traduz o espectro de existências femininas negras transplantadas para um imaginário social de excessiva dominação. Em uma sociedade, como a moçambicana, Rami desencadeia processos de negação ao que era esperado para a mulher, mero objeto erótico e reprodutora. Tais definições ainda não se encontram totalmente superadas no século XXI!

Fundamentalmente, no que toca à voz do feminino negro, vida e narrativa literária se cruzam. Destoada do conjunto de vozes harmônicas de uma sinfonia, a fala da mulher negra é a voz insurgente, estridente, que grita, desarmoniza e desestabiliza público e leitor, voz conscientizada da inadiável tarefa da assunção do corpo e fala, enquanto agência. A despeito da violência desferida contra a mulher negra, mundo afora, estatísticas dão conta que mulheres negras escritoras já circulam em espaços sociais como escritoras, promotoras, advogadas, intelectuais e porque não donas de casa? Reivindicando cidadania e relações

igualitárias de gênero, a mulher negra segue no compasso da Niketche, rumo ao empoderamento e à transformação de sua história!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Virginia Coeli Passos de. *Convite para o chá*. Contexto, Vitória, a. V, n. 4, p. 140-154, 1996.

BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo*. Tradução de Sérgio Millet. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Tradução Maria Helena Kruner. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2002.

CANDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

CHIZIANE, Paulina. *Niketche: uma história de poligamia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

GILROY, Paul. *O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência*. Rio de Janeiro: 34/Universidade Cândido Mendes, 2002.

PERROT, Michelle. (Org). *História das mulheres: o século XIX*. Lisboa: Afrontamento, 1991.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o Subalterno Falar?* Tradução de Sandra Regina Goulart de Almeida et al. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

Recebido em 13/07/2015.

Aceito em 29/08/2015.